

道德經 **Dào Dè Jīng**
Clássico da virtude e do curso
Capítulos I – IV

Fabricio Possebon

Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba
fabriciopossebon@gmail.com

Resumo: *Tao Te Ching* é um antigo texto chinês de 81 capítulos curtos. O título significa *Livro da Virtude e do Caminho* (ou *Livro da Virtude do Caminho* ou *Livro do Caminho da Virtude*). Seu estilo escrito é lacônico e poético, suas ideias são aparentemente contraditórias. Não é fácil compreendê-lo como um texto racional. Nossa tradução dos primeiros quatro capítulos é um exercício, tentamos recriar nossa impressão dos sentimentos evocados pelos caracteres chineses originais.

Palavras chave: *Tao Te Ching*; tradução chinesa; poesia.

Classic of virtue and course
Chapters I – IV

Abstract: *Tao Te Ching* is an ancient Chinese text in 81 brief chapters. The title means *The book of the Virtue and the Way* (or *The book of the Virtue of the Way* or *The Book of the Way of the Virtue*). The written style is laconic and poetic, the ideas are apparently contradictory. It's not easy to understand it as a rational text. Our translation of the first four chapters is an exercise, we try to recreate our impression of feelings evoked by the original Chinese characters.

Keywords: *Tao Te Ching*; Chinese translation; poetry.

1 Introdução

O *Tao Te King* (*Livro da Virtude do Caminho* ou *Livro do Caminho da Virtude* ou *Livro da Virtude e do Caminho*, segundo várias possibilidades de interpretação do título, dadas pela sintaxe chinesa; *King* ou *Ching*: clássico, cânon, livro) é um pequeno livro composto de oitenta e um capítulos. Trata-se de uma obra “concisa, epigráfica, paradossale, a volte oscura, priva de interpunzioni” (Laozi, 1993, p. 5). Uma antiga tradição procura situá-lo entre o quinto e o quarto século antes de Cristo, sendo seu hipotético autor, Laozi, um contemporâneo de Confúcio. A dificuldade de entender a conexão entre suas partes é igualmente antiga, tanto que uma narrativa diz terem sido rompidos os laços que amarravam as varas de bambu, nas quais estavam escritos os capítulos, de sorte que a recomposição da ordem acabou sendo aleatória. Não sabemos dizer com precisão quando esta obra tomou a forma organizada como a conhecemos hoje, nem a história de sua origem, todavia parece clara a sua vinculação ao *I Ching*, o *Livro das Mutações*, um dos cinco clássicos chineses que estão na base de todo o sistema cultural erudito. Segundo Marcel Granet (2007, p. 203), a mais antiga definição do *Tao* é: “*yi yin yi yang zhi wei Tao*”, ou seja, “todo *yin*, todo *yang*, nisso está o *Tao*”. Seria então o *Tao* uma totalidade, composta pelas alternâncias dos aspectos *yin* (negativo) e *yang* (positivo). “O *Tao* não é, em si mesmo, uma causa primária. É apenas um Total eficaz, um centro de responsabilidade, ou ainda, um meio responsável” (*ibid.*, p. 207). Esta explicação parece afastá-lo do conceito mais aceito de Deus.

Há uma vasta bibliografia sobre o *Tao*, todavia pouca, segundo nosso conhecimento, em língua portuguesa. Destacamos *O Pensamento Chinês* de Marcel Granet (2007) e a produção do

mestre Wu Jyh Cherng (Tao Te Ching, 2011). Sugerimos ainda, para quem queira se aprofundar na literatura chinesa antiga, começando pelo princípio, a leitura das traduções portuguesas dos clássicos, feitas pelo Pe. Joaquim de Jesus Guerra, seguindo ele o exemplo de James Legge em inglês (ver Guerra, 1988).

Sobre a tradução aqui proposta, gostaríamos de dizer que se trata basicamente de um exercício poético de reconstrução, uma vez que, em língua portuguesa, contamos com o privilégio de dispor de duas traduções fidedignas, feitas por especialistas, para o perfeito conhecimento do texto: uma, do professor Mario Bruno Sproviero, emérito da cadeira de Língua e Literatura Chinesa da USP (Laozi, 2002) e a outra, do Mestre Wu Jyh Cherng, da Sociedade Taoísta do Brasil (Tao Te Ching, 2011). Neste trabalho de compreensão da obra, devemos muito ao Prof. Dr. Joaquim Antônio Bernardes Carneiro Monteiro pelo seu curso de extensão “Leitura e Interpretação do *Tao Te King*”, ministrado na Universidade Federal da Paraíba. Evidentemente, qualquer equívoco aqui de interpretação é de nossa inteira responsabilidade. Particularmente inspirador para nós foi o trabalho de Fernanda Dias (2013): *Uma leitura do Yi Jing. O Sol, a Lua e a Via do Fio de Seda*, pelas belíssimas imagens poéticas encontradas. O texto chinês (www.ctext.org/dao-de-jing) está diagramado para corresponder aos versos em português.

2 CAPÍTULO – I

道 可 道 非 常 道
 dào kě dào fēi cháng dào
 名 可 名 非 常 名
 míng kě míng fēi cháng míng
 無 名 天 地 之 始
 wú míng tiān dì zhī shǐ
 有 名 萬 物 之 母
 yǒu míng wàn wù zhī mǔ
 故
 gù
 常 無 欲 以 觀 其 妙
 cháng wú yù yǐ guān qí miào
 常 有 欲 以 觀 其 微
 cháng yǒu yù yǐ guān qí jiào
 此 兩 者 同
 cǐ liǎng zhě tóng
 出 而 異 名
 chū ér yì míng
 同 謂 之 玄
 tóng wèi zhī xuán
 玄 之 又 玄
 xuán zhī yòu xuán
 衆 妙 之 門
 zhòng miào zhī mén

Curso de possível percurso
 não é curso contínuo,
 nome de possível nomeação
 não é nome contínuo:
 começo inominado de céu e terra,
 mãe nominada de dez mil coisas.

Portanto:
nada é contínuo, querendo ver o fascínio,
tudo é contínuo, querendo ver a fronteira,
ambos vêm da mesma fonte,
mas não têm o mesmo nome,
isto sim é mistério,
máximo mistério,
portentoso portal.

3 CAPÍTULO – II

天 下

tiān xià

皆 知 美 之 為 美

jiē zhī měi zhī wéi měi

斯 惡 已

sī è yǐ

皆 知 善 之 為 善

jiē zhī shàn zhī wéi shàn

斯 不 善 已

sī bù shàn yǐ

故

gù

有 無 相 生

yǒu wú xiāng shēng

難 易 相 成

nán yì xiāng chéng

長 短 相 較

cháng duǎn xiāng jiào

高 下 相 傾

gāo xià xiāng qīng

音 聲 相 和

yīn shēng xiāng hé

前 後 相 隨

qián hòu xiāng suí

是 以

shì yǐ

聖 人

shèng rén

處 無 為 之 事

chǔ wú wéi zhī shì

行 不 言 之 教

xíng bù yán zhī jiào

萬 物

wàn wù

作 焉 而 不 辭

zuò yān ér bù cí

生 而 不 有

shēng ér bù yǒu

為 而 不 恃
wéi ér bù shì
功 成 而 弗 居
gōng chéng ér fú jū
夫 唯 弗 居
fū wéi fú jū
是 以 不 去
shì yǐ bù qù

Sob o amplo céu,
saber do belo o que o faz belo
vem daí o mal,
saber do bom o que o faz bom
vem daí o não-bom.

Portanto:
do tudo e do nada, a marca é o vir-a-ser;
do difícil e do fácil, a marca é o julgamento;
do longo e do curto, a marca é o comprimento;
do alto e do baixo, a marca é a medida;
do ruído e da voz, a marca é a sonoridade;
do anterior e do posterior, a marca é o espacialidade.

Por isso:
o homem iluminado
não exterioriza suas ações,
não verbaliza suas crenças.
As dez mil coisas
surgem inesperadas,
nascem desprotegidas,
agem desacreditadas,
– mérito assente não externado,
certamente não externado! –
por isso elas não se perdem.

4 CAPÍTULO – III

不 尚 賢
bù shàng xián
使 民 不 爭
shǐ mǐn bù zhēng
不 貴 難 得 之 貨
bù guì nán dé zhī huò
使 民 不 為 盜
shǐ mǐn bù wéi dào
不 見 可 欲
bù jiàn kě yù
使 心 不 亂
shǐ xīn bù luàn
是 以
shì yǐ
聖 人 之 治

shèng rén zhī zhì

虛其心

xū qí xīn

實其腹

shí qí fù

弱其志

ruò qí zhì

強其骨

qiáng qí gǔ

常使民無知無欲

cháng shǐ mǐn wú zhī wú yù

使夫知者不敢為也

shǐ tiān zhī zhě bù gǎn wéi yě

為無為

wéi wú wéi

則無不治

zé wú bù zhì

(夫:天 tiān)

Não exaltando cobiçosos,

o povo não disputa;

não valorizando tesouros,

o povo não rouba;

não vendo o desejável,

o povo não se turba.

Por isso:

a usança do homem iluminado

é esvaziar o coração,

é encher o ventre,

é enfraquecer a vontade,

é revigorar os ossos,

é deixar o povo sem saber, nem desejar,

é deixar o astuto sem ousar atuar,

não externando suas ações,

não há desusança.

5 CAPÍTULO – IV

道沖而用之或不盈

dào chōng ér yòng zhī huò bù yíng

淵兮似萬物之宗

yuān xī sì wàn wù zhī zōng

挫其銳

cuò qí ruì

解其紛

jiě qí fēn

和其光

hé qí guāng

同其塵

tóng qí chén
湛 兮 似 或 存
zhàn xī sì huò cún
吾 不 知 誰 之 子
wú bù zhī shuí zhī zǐ
象 帝 之 先
xiàng dì zhī xiān

O curso escorre, move-se, não transborda,
fonte que se assemelha à origem das dez mil coisas,
embota o gume,
desata o nó,
equilibra a luz,
igualava o pó,
báratro que se assemelha ao existir.
Eu não sei de quem seja filho,
antes conforma-se com o soberano.

Referências bibliográficas

- DIAS, Fernanda. *Uma leitura do Yi Jing. O Sol, a Lua e a via do fio de seda*. São Paulo: Editora Sésamo, 2013.
- GRANET, Marcel. *O pensamento chinês*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2007.
- GUERRA, Joaquim de Jesus. Os clássicos chineses vertidos em português – um trabalho de base. *Estudos Portugueses e Africanos*, (11): 93-97, 1988.

Traduções consultadas:

- LAO-TSEU. *Tao-tö king*. Traduit du chinois par Liou Kia-hway. Paris: Gallimard, 1967.
- LAOZI. *Dao De Jing*. Tradução do chinês por Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Hedra, 2002.
- _____. *TAO. Il libro della via e della virtù*. Testo originale a fronte. Traduzione e versione de Angelo Giorgio Teardo. Terni: Stampa, 1993.
- TAO TE CHING*. Tradução de Wu Jyh Cherng. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- YUTANG, Lin. *A Sabedoria da China e da Índia*. Volume II. Versão inglesa de Lin Yutang, traduzida ao português por Haydée Nicolussi. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1959.

Dicionários consultados:

- GUERRA, Joaquim de Jesus. *Dicionário chinês-português de análise semântica universal*. Macau: Jesuítas Portugueses, 1981.
- SCHUESSLER, Axel. *ABC etymological dictionary of old Chinese*. Havai: University of Havai'i Press, 2007.